

Primeira universidade privada genuinamente Cabo-verdiana

26-Fev-2009

Assim se pode definir a Universidade de Santiago (Uni-Santiago), com sede na cidade de Assomada (no município de Santa Catarina). A funcionar desde Novembro de 2008, a Uni-Santiago abriu, oficialmente, as portas, a 16 de Fevereiro. À frente desta instituição do Ensino Superior privado está Gabriel Fernandes, licenciado em Filosofia, e Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina do Sul (no Brasil). Em entrevista exclusiva ao A NAÇÃO, Gabriel Fernandes fala dos principais objectivos da Uni - Santiago e do Ensino Superior em Cabo Verde como um todo.

Karina Moreira A NAÇÃO - Com que moldura humana a Universidade abre portas? Gabriel Fernandes - Temos 320 alunos e 40 professores. Abrimos com oito cursos, em três áreas específicas: a Tecnológica, com as Licenciaturas em Tecnologias de Informação e Comunicação; a das Ciências Sociais e Humanas, com as Licenciaturas em Filosofia, Sociologia, Geografia e Gestão de Território, Estudos Franceses e História; e a Área das Ciências Empresariais, com as Licenciaturas em Economia, e Gestão de Empresas. Qual o critério de recrutamento e o perfil do vosso corpo docente? Partimos de um patamar elevadíssimo, em termos de requisitos. Damos prioridade a pessoas com maior grau académico e com experiência docente e em investigação e pesquisa. São 40 docentes, dos quais, seis são doutores; dez em doutoramento; 18 mestres; e seis licenciados. São todos professores cabo-verdianos. Temos também para breve a integração de professores portugueses e brasileiros, no âmbito de parcerias que temos com instituições desses dois países.

Combater o afunilamento do ensino superior Qual foi a motivação para a criação da universidade? A ideia da Universidade surgiu a partir de uma constatação: anualmente centenas de jovens saem do sistema formal de ensino sem condições de serem absorvidos pelo mercado de trabalho e sem condições de prosseguirem estudos universitários. Particularmente no interior e nas ilhas ditas periféricas. Quisemos combater essa dupla exclusão social e laboral, pois cria uma situação de bloqueio. E cria também uma fissura entre os níveis de ensino. Por um lado, temos um massificado ensino básico e secundário e por outro um afunilamento do ensino superior. Esse sistema cria uma frustração que, não sendo corrigido, cria uma espécie de stress social. Pois os alunos criam expectativas durante o percurso que depois não se concretizam. A nossa primeira preocupação é trazer um Ensino Superior de qualidade, assente num profundo humanismo, e que visa corrigir algumas assimetrias historicamente construídas. Daí a escolha de Assomada, uma zona de fácil confluência para os concelhos do interior de Santiago.

EMANAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL Quais são os órgãos sociais da instituição? A Universidade é uma instituição privada, emanada da sociedade civil, mas voltada para um serviço público. Assim há órgãos que derivam do próprio imperativo legal e outros criados por nós para possibilitar maior autonomia à universidade. Assim, temos o Reitor que estatutariamente deve ser eleito. Não aconteceu neste primeiro mandato mas posteriormente será eleito pela comunidade académica, o que constitui uma inovação, pois nenhuma instituição de ensino privado em Cabo Verde tem como reitor alguém eleito. Há ainda o Concelho da Universidade, órgão máximo que define todas as políticas da instituição, composto por académicos sem intervenção da entidade titular; o Concelho Consultivo da Universidade, integrado por Câmaras Municipais, representantes das organizações não-governamentais, associações empresariais e sindicais, além do pessoal do corpo docente e de individualidades com alguma competência social e cultural. Temos ainda Concelho Científico, Pedagógico e Disciplinar e o Secretário – geral. Da estrutura da universidade fazem ainda parte vários centros. O Centro de Pesquisa e Estudos Avançados, o Centro Integrado do Ensino e Formação, o Centro de Estudos Linguísticos e o Centro de Extensão que possibilita à comunidade académica estar vinculada à sociedade.

História de Cabo Verde em todos os cursos A estrutura curricular baseia-se na de alguma universidade com quem a Uni-Santiago tem parcerias? Não! Somos a primeira Universidade cabo-verdiana de raiz. É uma Universidade que foi pensada a partir da nossa realidade endógena, a partir da nossa experiência, da nossa história e das nossas necessidades. Os cursos foram concebidos, estruturados e montados com base nisso. Com pessoal docente nacional, partindo do nosso contexto social. Por isso temos em todos os cursos as disciplinas de História de Cabo Verde e Ética para retratar questões da regulação social cabo-verdiana. Fomos montando os cursos tendo em conta as especificidades da sociedade cabo-verdiana e tendo em conta as nossas necessidades concretas. Contudo temos parcerias com instituições estrangeiras noutras áreas. No domínio de actividades como pesquisas, intercâmbios tanto dos docentes como dos alunos. Vamos assinar na próxima semana um protocolo com o Instituto de Ciências Económicas e Turismo de Portugal e com a Sociedade Portuguesa de Filosofia e temos parceiros brasileiros como a Universidade Federal de Santa Catarina do Sul. Convénios a partir dos quais teremos um quadro de cooperação consistente. Quais os principais constrangimentos que enfrentaram nesta fase inicial enquanto instituição de ensino privado? O maior constrangimento que tivemos de enfrentar, nesta fase inicial, foi o espaço. Ainda estamos em estruturas alugadas. Os serviços da Universidade não ficaram congregados num único espaço, mas tivemos a sorte de conseguir edifícios contíguos. Está tudo bem instalado. Temos o Centro de Pesquisa e Estudos Avançados, e a Biblioteca, que partilha espaço com a Biblioteca Municipal. As salas de aulas, a parte administrativa e a reitoria estão devidamente instalados de modo que podemos dizer que conseguimos superar esse problema por agora. Contudo já temos a promessa do governo da cedência do espaço do antigo hospital de Santa Catarina para as nossas futuras instalações.

Dupla habilitação Quais são os montantes de propinas praticados pela universidade? Variam entre 14 a 18 contos. Para os cursos diurnos, a base é de 14 mil escudos - nas Ciências Sociais e Humanas -, e 16 mil - para as Ciências Empresariais e Tecnológicas. Nos cursos nocturnos, variam entre 16 e 18 contos. Temos a novidade de instaurar a dupla habilitação em Cabo Verde. Ou seja: o aluno tem a oportunidade de sair habilitado com a via técnica e a via docente. Neste caso, paga 16 contos, em vez dos 14. Temos vários parceiros que concederam bolsas e participações aos nossos alunos, nomeadamente a Câmara Municipal de Santa Catarina, o Instituto Cabo-Verdiano de Acção Social Escolar, e o Fórum para o Desenvolvimento de Santa Catarina. Qual a vossa relação com o Ministério da tutela? Solicitamos uma auditoria ao Ministério da Educação e Ensino Superior, que já se realizou, e o “feed-back” que tivemos da Delegação local, é que superamos as expectativas, a nível do corpo docente e dos equipamentos. A tutela está bastante satisfeita com o desenrolar do processo de instalação da Uni-Santiago. Obviamente, que os desafios não param. Temos de fazer

jus ao nome da Universidade que carregamos. Ensino Superior longe de ser satisfatória. Que apreciação faz do estado do Ensino Superior em Cabo Verde? Funciona como o principal recurso emancipatório dos nossos jovens. Se, ao longo da nossa História, destacamos por um percurso e um substrato cultural diferente, foi graças à Educação. Hoje, há uma demanda fora de série, mas as expectativas das pessoas e as condições reais de acesso têm um desfasamento. Mesmo no contexto africano há países muito mais frágeis em termos de recursos técnicos e humanos mas com muito mais instituições de ensino superior. Apesar de a toda a demanda existente e da certeza de que a educação é a base fundamental da nossa inserção social, só há bem pouco tempo tivemos instituições de ensino superior no país. O que é paradoxal, pois, no contexto africano, fomos dos primeiros países a ter ensino primário. Acreditamos que deve ser criado um marco regulatório que possibilite o acesso das pessoas a benefícios concretos, para darem continuidade aos seus estudos. Bolsas para ensino de qualidade no país, sistemas implantados de acompanhamento e apetrechamento dos estudantes; o Estado deve investir em recursos porque, apesar de caro, o ensino superior é de facto um bem para o desenvolvimento do país. Actualmente, nalgumas partes do mundo, a esperança de vida escolar gira em torno DOS 17 aos 21 anos. Em Cabo Verde, é de 11 anos. Significa que temos um défice muito grande, se tivermos como referência determinados países centrais. Se quisermos entrar na senda do desenvolvimento, tem de haver uma forte aposta na Educação. Não é um desafio que pode ser vencido através de acções isoladas. As universidades existem, mas só podem ter consistência, se houver, efectivamente, suporte de outros agentes. Combate à mercantilização do Ensino Superior, portanto, que esteja a haver uma proliferação negativa de instituições de Ensino Superior no país? Não há instituições a mais. Muitas ilhas continuam totalmente desguarnecidas. No entanto, o que constitui um desafio enorme, de todos os actores sociais e decisores políticos, é impedir a existência de instituições sem qualidade. É preciso combater a mercantilização do Ensino Superior. Em todo o mundo, há um “boom” de instituições de ensino desprovidas de qualidade, que têm como propósito a geração do lucro. A recomendação existente, a nível do Banco Mundial e da UNESCO, é que se criem mecanismos que impeçam a proliferação de instituições sem qualidade. Agora, instituições de qualidade devem funcionar como uma alavanca de desenvolvimento. A falta de uma cultura académica e de investigação é tida como uma das principais deficiências do Ensino Superior em Cabo Verde. O que deve ser feito para combater essa lacuna? Algumas dessas lacunas derivam da própria massificação do ensino. Temos de criar condições para que essa massificação e o acesso - mais ou menos generalizado - não signifiquem perda de qualidade. As soluções devem ser pensadas caso a caso. Pode passar por um processo de personalização de acompanhamento directo dos alunos criação de condições para colmatar eventuais brechas. Deve ser permitido aos alunos uma espécie de medida compensatória. No caso concreto da Uni-Santiago, já temos o Centro de Integrado de Ensino e Formação, voltado essencialmente para a compensação de deficiências que os alunos trazem do Ensino Secundário, com aulas de reforço, cursos de capacitação técnico-profissional. Para breve, vai arrancar o Curso de Inglês Técnico e Geral, e o de Informática. No sistema de ensino, há ajustamentos que temos de fazer, em função de situações concretas e conforme orientação do Conselho Científico. Não podemos permitir que as dificuldades de acesso dos alunos venham a constituir obstáculos à sua progressão e sucesso. Também cabe aos alunos lutar para superar as suas insuficiências, usando os mecanismos dados pelas instituições. Sociedade como referência normativa e valorativa Os cursos que possuem, presentemente, respondem às demandas do mercado e vão de encontro às prioridades do país? Não temos a presunção de responder a todas as demandas do país. Tentamos fazer a nossa parte. As universidades, principalmente as privadas, dependem, também, da demanda da procura. Não seguimos, necessariamente, a lógica do mercado, mas temos que levar em conta as pautas que vêm da sociedade. Nesse sentido, temos dois patamares diferenciados de políticas. Um, que segue as demandas de mercado - abrir cursos que tenham clientes -, e a outra, que é abrir cursos que consideramos estratégicos para implementarmos o que consideramos ser os nossos grandes propósitos. Numa instituição com propósitos humanistas - como é o nosso caso -, não deixaremos de abrir cursos que possam promover esse humanismo, só por não terem demanda. Temos a sociedade como uma referência normativa e valorativa, mas, também, seguimos uma lógica própria. Qual o principal desafio para o futuro da sua Universidade? A médio e longo prazos, é transformá-la numa referência, em termos de capitação dos nossos alunos. Outro grande desafio: promover a pesquisa. Já temos o Centro de Pesquisa e Estudos Avançados em funcionamento, com várias linhas de pesquisa. Estamos em busca de parcerias e recursos para instalar este sistema na Uni-Santiago. Hoje em dia, estamos numa sociedade de riscos, uma sociedade onde as antigas certezas se pulverizaram, o que significa que os indivíduos têm de ter capacidade de gerir e interpretar a informação disponível, e utilizá-la para melhorar as suas condições sociais e materiais de existência. Portanto, nós queremos através da Universidade, ajudar os nossos jovens neste sentido. Queremos dar um ensino de qualidade, voltado para a pesquisa, e que garanta ao indivíduo ter sucesso profissional e plena afirmação enquanto sujeito. Este é o nosso grande objectivo, e esperamos ter o engajamento de todos os parceiros nesse sentido. Não pretendemos ficar apenas por Assomada. Gostaríamos de, no futuro, abrir pólos noutros pontos do país.